



*Polanda
Penteado*

sedução e mecenato

Alecsandra Matias de Oliveira

Marcos Mantoan

São Paulo, em sua constituição colonial, resiste até os dias atuais. A cidade, nascida ao redor do colégio jesuítico, cresce balizada pelas construções religiosas (São Francisco, São Bento, Carmo e do Colégio) e sobre o Espigão Central, o chamado Triângulo Histórico. O crescimento do povoamento de São Paulo, criado em 25 de janeiro de 1554, a partir da construção do Colégio dos Jesuítas, tem como principal fator a seleção do sítio geográfico – uma elevação estratégica, colinas entre os cursos dos rios que levam ao interior, confirmando o local como porta e caminho mais eficiente para entrar nos domínios do sertão e das minas de ouro.

A partir do Pátio do Colégio, os primeiros povoadores ocupam os terrenos vizinhos, construindo suas moradias e formando as ruas iniciais da cidade. Hoje, estão ali o Museu Anchieta, a Casa nº 1 (atual Casa da Imagem) e o Solar da Marquesa de Santos, raro exemplar de residência urbana do século XVIII. Todos esses equipamentos culturais guardam memórias que valem a pena serem descobertas e redescobertas.

Um dos destaques da programação do Solar da Marquesa de Santos, que abriga atividades museológicas e a sede do Museu da Cidade de São Paulo, é a exposição “Yolanda Penteado, a Dama das Artes de São Paulo”, que aborda a trajetória da grande dama das artes, Yolanda Penteado (Campinas, 1903 – Stanford, 1983), sobrinha de Olívia Guedes Penteado, baronesa do café e patronesse das artes de São Paulo na década de 1920. O fato

de o Solar da Marquesa de Santos receber uma mostra dedicada a Yolanda Penteado é algo bastante simbólico – uma vez que são duas mulheres com atuações fortes e determinantes no cenário histórico nacional. A exposição dá um novo brilho à visita ao centro histórico de São Paulo.

Com Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccillo, e Assis Chateaubriand, Yolanda transformou o cenário cultural brasileiro, criando instituições, incentivando o mecenato que atrela arte moderna ao capital, propiciando o intercâmbio de movimentos e artistas nacionais e internacionais, e, sobretudo, contribuindo de modo fundamental para a profissionalização das atividades relacionadas às artes.

Casada com Ciccillo, ela teve importante papel na criação, em 1948, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP) e na organização das Bienais de São Paulo, tendo participado diretamente da organização das duas primeiras mostras (1951 e 1953). Durante a organização da I Bienal, Yolanda foi à Europa e aos Estados Unidos convidar pessoalmente os artistas e suas respectivas delegações. Sem os contatos sociais, a cultura refinada e o talento para relações públicas de Yolanda, a missão de convencer artistas, como o francês Roger Chas-

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA é especialista em cooperação e extensão universitária da USP, membro da ABCA e pesquisadora do Centro Mario Schenberg de Documentação da Pesquisa em Artes da ECA-USP.

MARCOS MANTOAN é doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da ECA-USP.



CICCILLO EYOLANDA

“Tudo era bonito e sincero entre Ciccillo e eu.”
YOLANDA PENTEADEO

Éles se casam em Roma, em Ciccillo e Yolanda não poderiam contraírem um segundo m passam uma temporada de sei Dinos, na Suíça. Ali, o casal co o casal idealiza uma exposição que pretendem criar, mas Niere concebida.



Yolanda Penteadó, 1915

AFÁBRICA DE SEDA



Yolanda Penteadó em visita à Fábrica de Seda, Roma, Itália, 1914



Família Penteadó, Yolanda em visita à Fábrica de Seda, Roma, Itália, 1914

Yolanda Penteadó nasceu em 1915, em São Paulo, filha de um banqueiro e de uma professora. Ela se casou com Ciccillo em Roma, em 1935. Ela foi a primeira brasileira a trabalhar na indústria da seda. Ela foi a primeira brasileira a trabalhar na indústria da seda. Ela foi a primeira brasileira a trabalhar na indústria da seda.

Fotos: Agatha da Hora





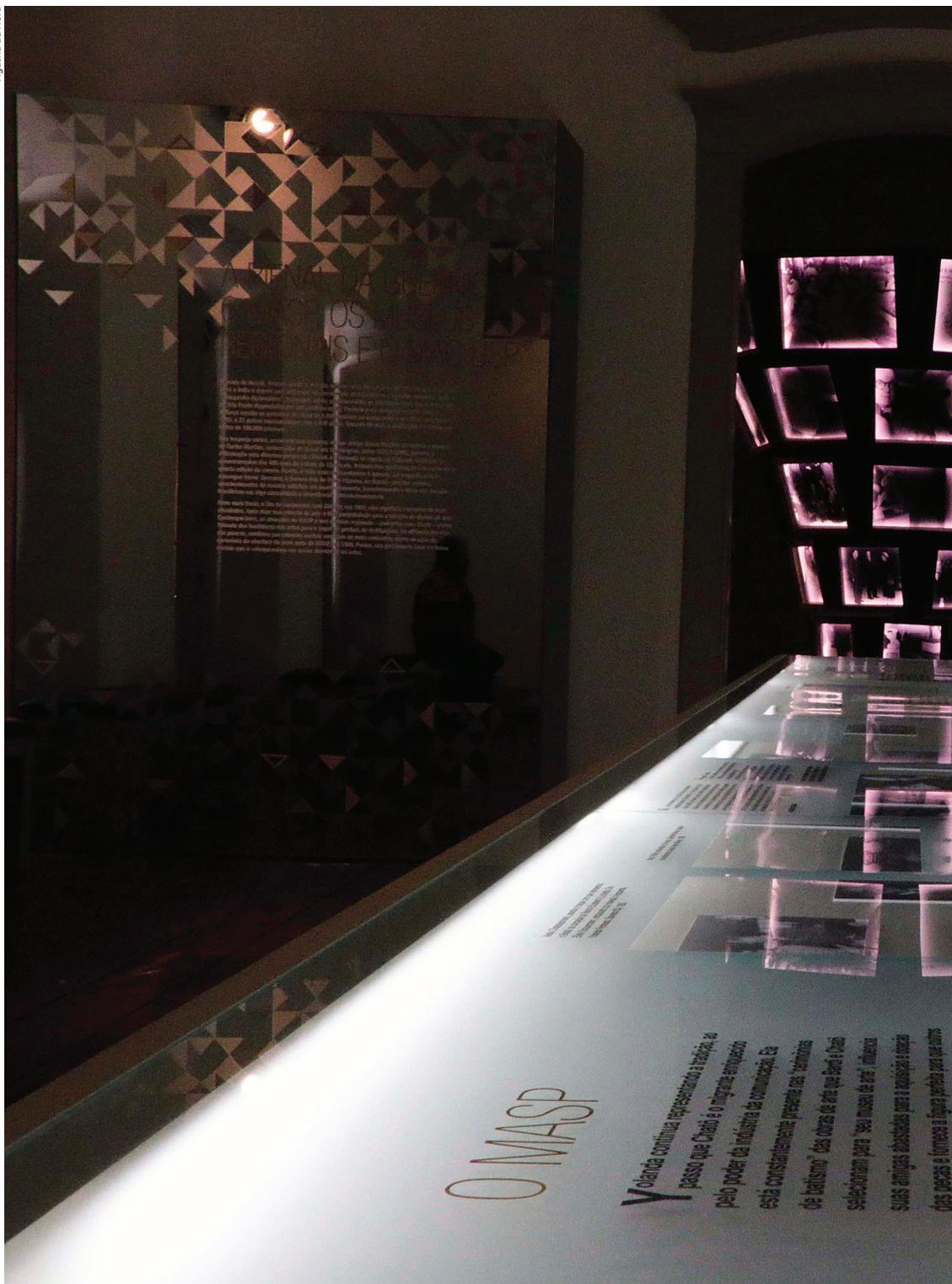
tel e o suíço Max Bill, seria impossível. Eles não se aventurariam em um lugar desconhecido do mapa político e artístico como era São Paulo em 1951.

O sucesso da estreia contribuiu para o êxito da edição seguinte, que comemorava também os 400 anos da cidade de São Paulo. Yolanda foi responsável pela vinda da tela *Guernica* (1937), de Pablo Picasso. À época, era a primeira vez que esse trabalho saía do Museu de Arte Moder-

na de Nova York (MoMA). Atualmente, a tela está no Museu Nacional Reina Sofia, em Madri, e dificilmente sairá de lá para ser exibida em outros países. Yolanda também trouxe, nessa mesma Bienal, obras de Piet Mondrian, Constantin Brancusi, Paul Klee, Edvard Munch e Georges Bratke, só para citar alguns nomes.

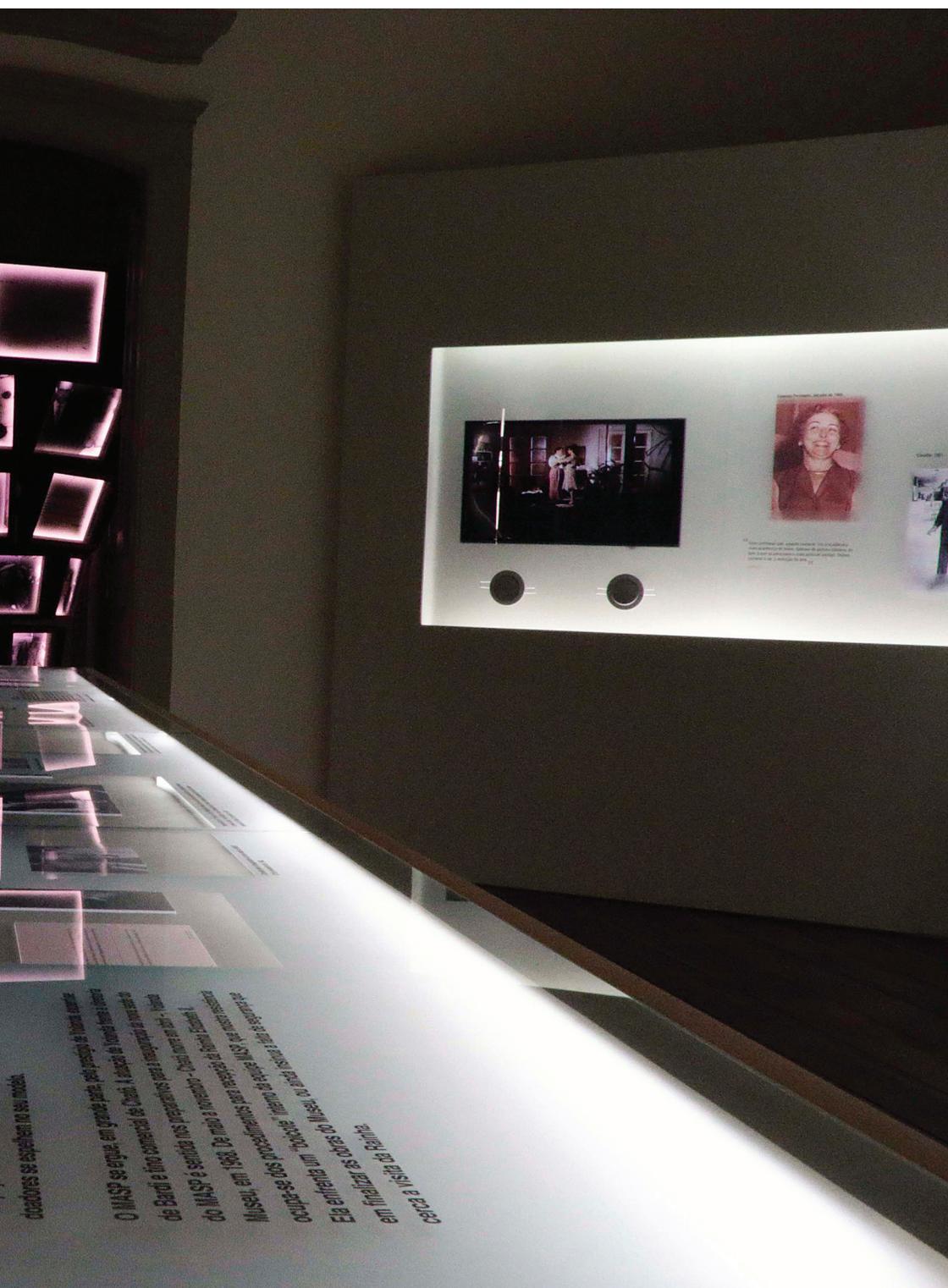
Aliada a Ciccillo, ela participou também de ações no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) e

Agatha da Hora



na Companhia Cinematográfica Vera Cruz. Em torno do casal Yolanda e Ciccillo, gravitaram personalidades que converteram a provinciana São Paulo dos anos 1930 num centro econômico e cultural de inegável reconhecimento em todo o mundo.

Nos anos 1960, Yolanda intensificou sua colaboração com Assis Chateaubriand no Museu de Arte de São Paulo (Masp) e na implantação dos Museus Regionais (Olinda, Campina Grande e Feira de Santana). Ainda no mesmo período e já separada de Ciccillo, doou sua coleção de obras de arte particu-



diretores se espelham no seu modo.

O MASP se ergue em grande parte, pelo projeto de forma, durante de Bardi e filho, com o intuito de marcar a presença de Yolanda no mundo da arte. A trajetória de Yolanda começa com a fundação do MASP e se estende aos preparativos para a inauguração do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo em novembro de 1960. De modo a preservar a memória da trajetória de Yolanda no MASP, em 2008, o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo ocupa-se dos procedimentos para a criação do MASP de São Paulo. Ela enfrenta os desafios de ser a primeira mulher a ocupar o cargo de diretora e a ser a primeira mulher a ocupar o cargo de diretora.

lar e recursos ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP).

A trajetória da mecenas, na exposição em São Paulo, está sendo exibida com desenho cenográfico muito especial, empregando recursos, tais como mesa, *displays*, painéis e vitrines que deixam à vis-

ta todo o espaço arquitetônico do Solar da Marquesa, recentemente recuperado. Logo na entrada, o visitante pode baixar um aplicativo que lhe guiará pela mostra. A exposição está dividida em quatro temas e mais uma “Cronologia”, com os principais acontecimentos da vida de Yolanda.

Agatha da Hora



CAIPIRINHA DE LEME, DUQUESA, PRINCIPESSA

Seus pais, Juvenal Penteadado e dona Guiomar de Ataliba Nogueira, fixam-se na Fazenda Em-pyreoo (região de Leme/SP), onde Yolanda nasce, em 1903, e vive por sete anos até a mudança para São Paulo, em 1911 – a família se instala na esquina da Rua Ipiranga com a Av. Rio Branco, em um casarão que pertence ao Barão de Pirapitingui, construído por Ramos de Azevedo. Yolanda estuda no Caetano de Campos e, depois, como interna, no Colégio Des Oiseaux, onde só se fala francês.

Yolanda jamais deixa de ser a “Caipirinha de Leme” – como lhe chama carinhosamente Assis Chateaubriand. Eles se conhecem quando ela tem 16 anos e ele, 27 anos. São inúmeros os pedidos de casamento, todos recusados; porém, ela mantém-se ao lado de Chatô por toda a vida.

O casamento com Jayme da Silva Telles, que a chama de “Duquesa” (Chateaubriand, às vezes, lhe chama assim também, para reafirmar sua posição de “súdito”), acontece em 1921. Sua vida de casada se divide entre a Hípica, Santos, Rio de Janeiro e São Paulo. Na década de 1930, Jayme está entre os fazendeiros que abandonam a lavoura de café para se dedicar exclusivamente à exportação do produto. As sucessivas crises financeiras afetam o casal e eles se separam em 1934. Ela recolhe-se na fazenda. Eram tempos difíceis.

Yolanda, aos 28 anos, se vê à frente da administração da Em-pyreoo. Além da produção de algodão e mandioca, a fazendeira aposta numa fábrica de seda. A experiência com o bicho-da-seda a leva diretamente para Francisco Matarazzo Sobrinho, que a chama de “Princesa”. A negociação com o empresário italiano lhe proporciona um contrato de compra da matéria-prima e outro de casamento, em 1946.

VIVER CERCADA DE ARTISTAS E INTELLECTUAIS

Yolanda se vale da posição social privilegiada de sua família. Sua atuação está voltada à aliança com o capital internacional, empregando

como fator de distinção a cultura e a arte. O casal Ciccillo e Yolanda tem, como carro-chefe, a arte moderna. Eles apostam recursos econômicos e, sobretudo, prestígio, na formação de sua coleção (1946), na criação do Museu de Arte Moderna de São Paulo (1947) e na organização da Bienal de São Paulo (1951). Investem em ações paralelas, como o Teatro Brasileiro de Comédia (1948) e a Companhia Cinematográfica Vera Cruz (1949). Ao casal não basta o ato de colecionar; seguindo o modelo norte-americano, eles querem gerir instituições e liderar as inovações da arte no país.

À frente dessas instituições modernas, tornam-se legítimos representantes da burguesia industrial nacional diante da política de influência norte-americana, representada por Nelson Rockefeller. Yolanda tem papel fundamental nas ousadias e nas ações de mecenato do marido. Assumidamente, como “quatrocentona”, ela agrega valor “aristocrático” ao industrial imigrante. As relações subjetivas movem Yolanda e a auxiliam na promoção da arte moderna nacional e internacional. Sua rede de contatos sociais, composta de artistas, políticos, empresários e corpo diplomático, é de extrema importância para a consolidação do MAM-SP e, particularmente, das Bienais.

A BIENAL DA GUERNICA, O MASP, OS MUSEUS REGIONAIS E O MAC-USP

Munida de dossiê, Yolanda aceita o desafio de fazer uma Bienal, em 1951. De viagem marcada para a Índia e depois Europa, ela recorre aos embaixadores e agentes culturais. Após a “campanha diplomática”, consegue, ainda, por intermédio de Chateaubriand, que a Prefeitura de São Paulo disponibilize um pavilhão, na Av. Paulista, para abrigar o evento. Todo o esforço resulta na presença de cerca de 5 mil pessoas, na inauguração, em 20 de outubro de 1951, e 21 países representados com 1.800 obras. Durante 66 dias, a exposição é visitada por cerca de 100 mil pessoas.

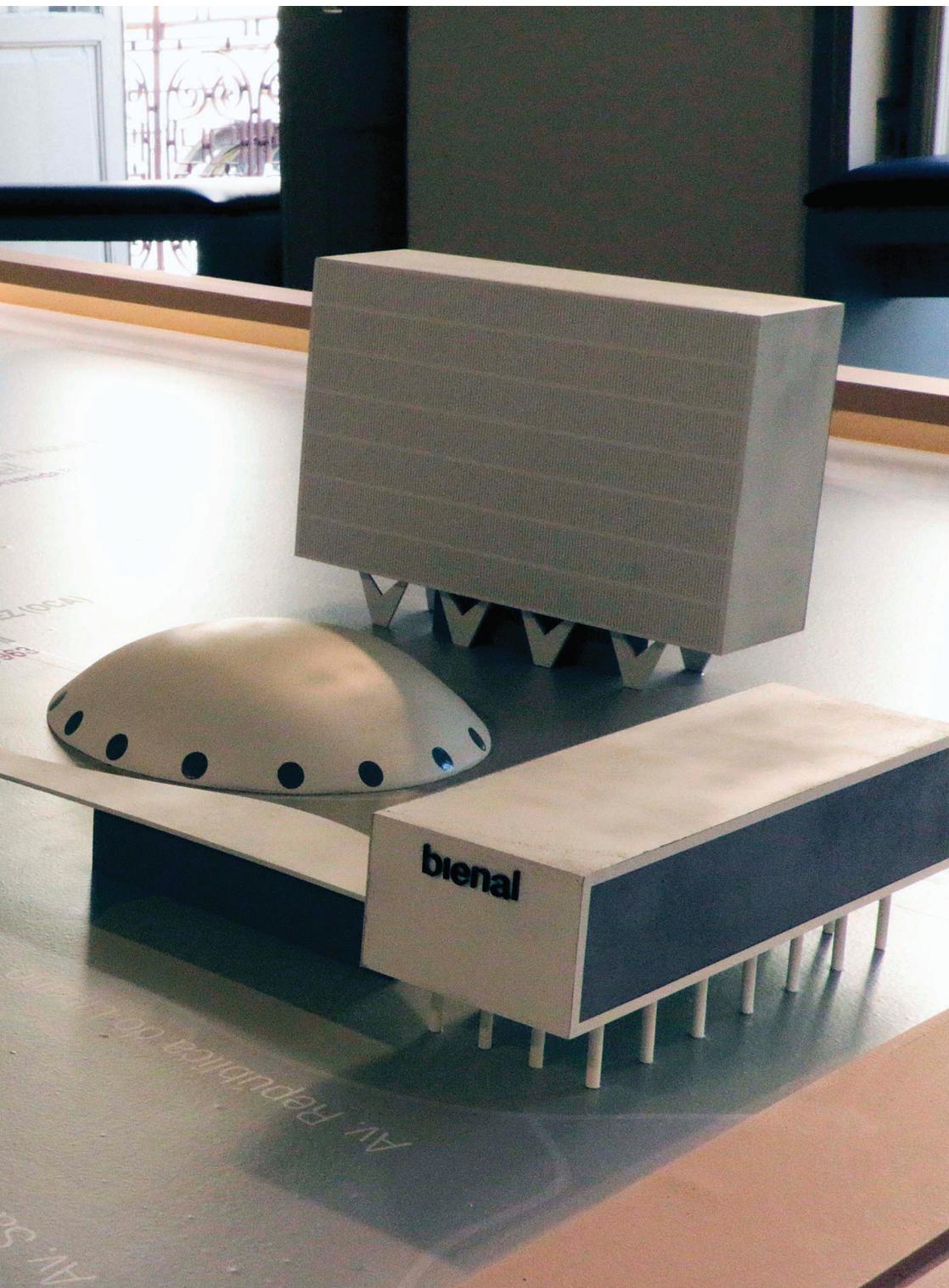
Seu traquejo social, associado aos contatos de sua amiga Maria Martins (escultora e esposa de Carlos Martins, embaixador do Brasil em Washington, entre 1939 e 1948), permite a articulação com diversos países na I Bienal e a fórmula se re-



pete na II Bienal, dedicada às comemorações dos 400 anos da cidade de São Paulo. Yolanda tem participação marcante até a quarta edição do evento. Porém, o feito mais extraordinário é quando, na segunda edição, consegue trazer a *Guernica*, famosa tela de Pablo Picasso, ao Brasil – um dos

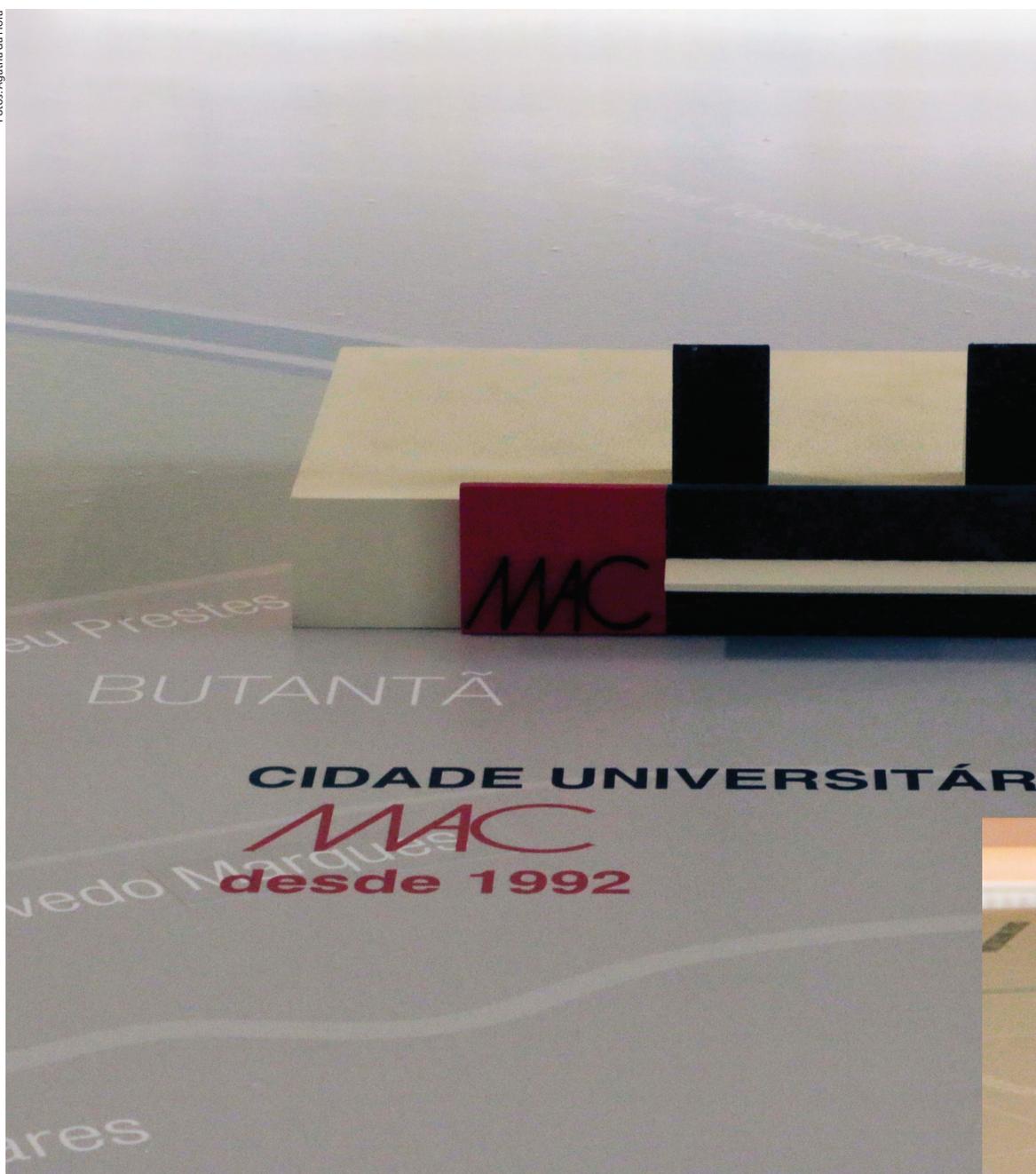
maiores acontecimentos do cenário artístico até aquele momento, transformando a ideia das Bienais brasileiras em algo consolidado e reconhecido internacionalmente.

Anos mais tarde, o fim do casamento com Ciccillo, em 1962, não significa o término de



suas atividades. Após doar sua coleção de arte à USP, contribuindo para a criação do Museu de Arte Contemporânea, as atuações no Masp e nos museus regionais – parcerias com Chatô – levam Yolanda dos bastidores das artes para o papel de gestora de instituições. As dificul-

dades não são poucas, conflitos nas relações sociais mostram-se mais evidentes, como no caso da cerimônia da abertura da nova sede do Masp, em 1968. Porém, são justamente seus contatos sociais que a salvaguardam nas ações devotadas às artes.

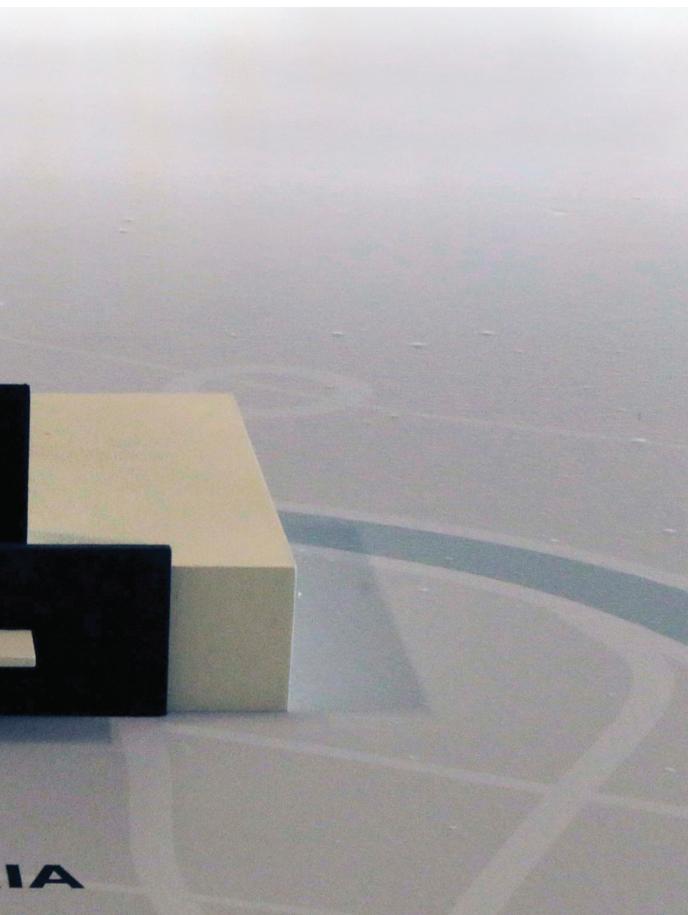


A CIDADE DE YOLANDA

Nos anos 1910, a jovem Yolanda, vinda da elite agrária paulista, vive o cotidiano de uma cidade que ainda não é moderna. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko, “São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem mestiços; nem de estrangeiros e nem brasileiros”. As famílias abastadas se conheciam, tinham negócios comuns e, acima de tudo, fir-

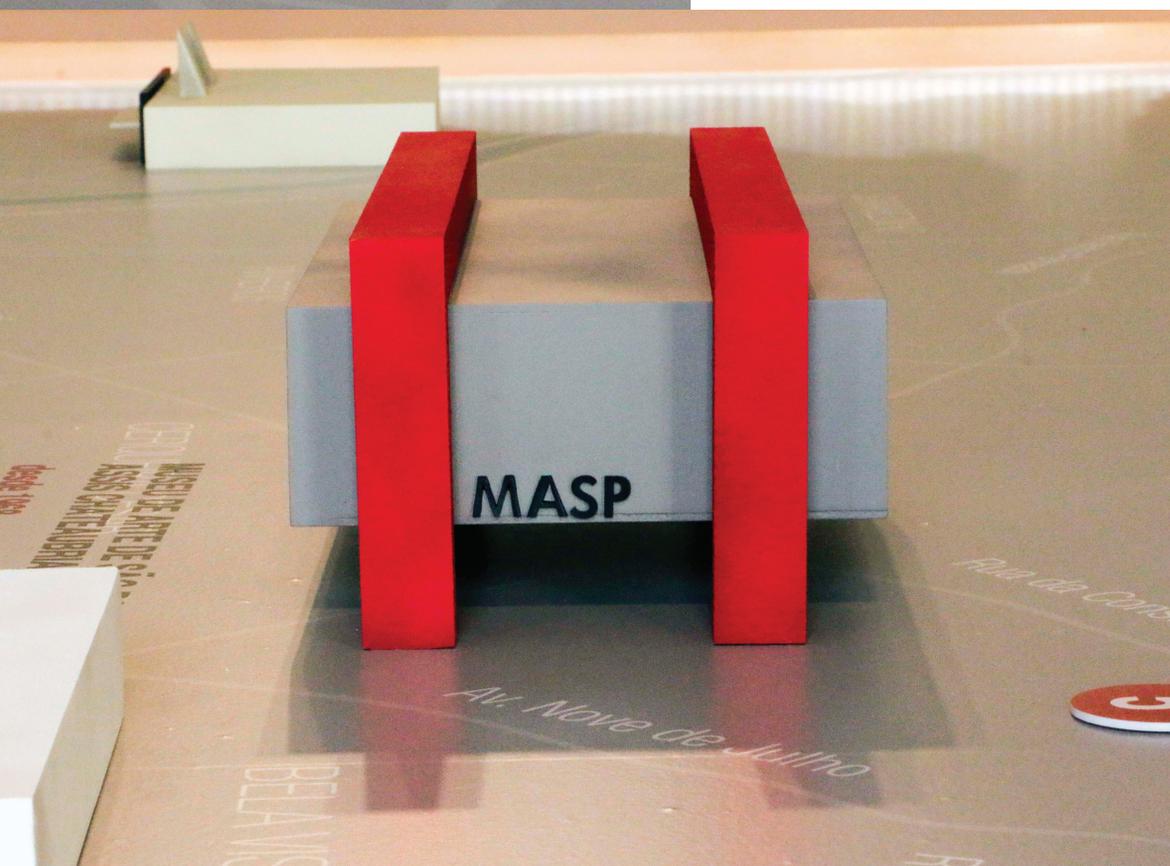
mavam pactos e laços de amizade. Todos se conheciam, confirma Yolanda, e a impressão que paira é a de que todos são aparentados. À época, São Paulo é fechada e provinciana. As camadas sociais não se misturam; a alta sociedade circulava entre si, arrogando-se uma nobreza à parte de tudo e de todos. Uma elite que vive primeiro nos Campos Elísios, depois migra para Higienópolis.

Já na São Paulo modernista, entre os anos 1920 e 1930, ocorre uma confluência de povos



e culturas advinda da imigração e da industrialização: são imigrantes abastados, tais como o empresário Francisco Matarazzo Sobrinho, assim como imigrantes operários que, saídos dos cafezais no interior paulista, retornam à cidade como mão de obra para a indústria emergente. Somem-se ainda: fazendeiros, que administram suas fazendas a distância (cada vez mais envolvidos na rotina urbana); negros à margem do novo sistema de trabalho assalariado e novos imigrantes fugidos dos efeitos da Primeira Guerra Mundial. Assim, Yolanda convive com fazendeiros, empresários, intelectuais e artistas que, em um primeiro momento, compõem essa elite paulista moderna.

Da provinciana São Paulo dos anos 1920, Yolanda, com suas ações de mecenato e de incentivo às artes e à cultura, salta aos grandes centros artísticos, entre os anos 1940 e 1960 (Paris e Nova York, por exemplo). E mais do que isso, ela protagoniza a institucionalização e a profissionalização da arte, que irão garantir a inserção de São Paulo e, concomitantemente, do Brasil, no circuito das artes internacionais até os dias atuais.





Yolanda Penteado, 1921